



Luca Bussotti*

Renamo: uma oposição hegemónica?



O debate político que está caracterizando Moçambique, a seguir ao resultado eleitoral, está sendo monopolizado pelas propostas da Renamo, o maior partido da oposição. Tão que é possível falar, a este propósito, do início de uma verdadeira hegemonia política, em detrimento da Frelimo e do próprio MDM.

Em que sentido é legítimo usar esta expressão falando da situação política de Moçambique?

“Hegemonia” é um conceito relativamente novo, no léxico político. Ele remonta, na época moderna, à revolução soviética, nomeadamente a Plechanov, nos seus escritos de 1883-1884. Aqui, ele referia-se ao papel de luta política contra o czarismo que a classe operária devia ter, além de travar uma luta contra os capitalistas de tipo económico. Lenin, no princípio do século XX, enriqueceu este conceito, teorizando que o proletariado devia ser hegemónico para conseguir conquistar o poder, mediante a relativa ditadura. A Internacional Comunista conjugou este conceito para

afirmar que a classe operária devia ser hegemónica na luta contra o capitalismo em relação às outras classes de oprimidos. E, finalmente, Gramsci adoptou e desenvolveu o conceito, aprofundando o elemento da direcção política assim como cultural que a classe operária devia manter ao nível da sociedade.

Nem sempre deter a hegemonia num país significa ganhar nas eleições. Os partidos comunistas franceses e italianos durante muito tempo mantiveram uma forte hegemonia cultural e também no debate político, mas nunca ganharam nas eleições gerais. A situação africana apresenta-se diferente: salvo casos específicos (como o movimento anti-apartheid na África do Sul), geralmente o partido que ganha nas eleições é o mesmo que detém a hegemonia, que impõe a sua visão à sociedade, e a sua agenda política está na ordem do dia. Moçambique não faz excepção: ao longo da sua história, desde a luta pela independência, a Frelimo sempre manteve claramente a hegemonia política e cultural. As

suas palavras de ordem eram as palavras de ordem do país inteiro: não apenas com o sistema marxista-leninista do partido único da altura de Samora, mas também com Chissano e Guebuza. O “futuro melhor”, a “luta contra à pobreza absoluta”, a “revolução verde”, a massificação do ensino (inclusive o superior) e por ai fora, foram todas palavras de ordem que conotaram décadas de política moçambicana. Muitos nem concordavam com elas. Mas a agenda política era claramente ditada pela Frelimo e o seu presidente.

As eleições de 2014 nos ofereceram um cenário diferente. Pela primeira vez, a Renamo conseguiu impor a sua agenda e, provavelmente, o seu discurso hegemónico, à opinião pública. A comunicação social (mais a independente, mas também a pública) não pode deixar de falar da Renamo e do seu líder. Desde os factos de Gorongosa até a “caça” contra a ele, desde a sua saída do mato até aos comícios que, em quase todo o país, foram acompanhados por multidões, desde o discurso da “vi-

tória mutilada” nas últimas eleições até a proposta de fundar a república do centro-norte, finalmente ao ante-projecto de lei sobre regiões autónomas: estes assuntos, por vezes até contraditórios ou fracos do ponto de vista da proposta política, representam, hoje, o fulcro do debate público no país.

Porque a Frelimo está perdendo a hegemonia que sempre manteve? E, eventualmente, quais as medidas a serem adoptadas para contornar esta situação?

Talvez fosse conveniente partir daqui, da consciência de que a antiga hegemonia está sendo perdida em prol do maior partido de oposição que a Frelimo (e, em medida menor, o MDM) poderia voltar a desempenhar o papel que sempre teve na história do país.

*Investigador no Centro de Estudos Internacionais de Lisboa e Visiting Professor no Mestrado em Cooperação e Desenvolvimento na Faculdade de Direito da UEM